Eixo temático: Psicologia e Arte

“NUAS, BRUXAS E CANIBAIS”: COLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA EXISTÊNCIA DE MULHERES INDÍGENAS NO PERÍODO COLONIAL

José Winícius Araújo dos Santos[1]; Yasmim Pereira Accioly[1]; Ana Caroline Marcos Araújo[1]; Vitória Carvalho de Sá[1]; Bruno Robson de Barros Carvalho[2]

Introdução: A pesquisa Narrativas Ancestrais, Presente do Futuro, de 2022, mapeou e analisou as percepções sobre os povos indígenas e as principais narrativas deles e sobre eles no Brasil na última década. Dentre os achados, destaca-se que o conhecimento fragmentado sobre os povos indígenas advindo, às vezes, apenas títulos de reportagens ou posts de redes sociais, com pouco aprofundamento. Nesse mesmo horizonte analítico, o protagonismo das mulheres indígenas na produção e resistência é ressaltado, assim como, a importância da arte indígena por desafiar as narrativas e as linguagens hegemônicas e no questionamento, crítica e evidenciamento dos apagamentos históricos a partir da perspectiva indígena. **Objetivos:** O presente trabalho tem como objetivo problematizar a construção do imaginário da mulher indígena brasileira a partir da obra “Imagens da mulher do ocidente moderno 1: Bruxas e Tupinambás Canibais” de Isabelle Anchieta. **Metodologia:** Do ponto de vista metodológico, deu-se prioridade às imagens que construíam mulheres indígenas no momento histórico das investidas europeias na terra recém invadida. **Resultados/Discussões:** O que uma obra de arte revela sobre o seu criador? Observando as primeiras imagens de indígenas brasileiros, as ilustrações descritivas e impressões produzidas por artistas a partir das cartas de Américo Vespúcio, foi possível notar o que chamamos de Colonização do Imaginário. Os ideais morais dos autores dos textos e das imagens produziram a espetacularização absurda e assustadora da

[1] [1] Graduandos em Psicologia pelo UniRios. Membros do Grupo de Pesquisa em Psicologia e Existência Sertaneja. winiciusaraújosantos@gmailcom
[2] Doutor em Psicologia Clínica. Docente do curso de Psicologia do UniRios. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Psicologia e Existência Sertaneja. brunorobson@outlook.com

mulher indígena. O imaginário de mulheres nuas e canibais num universo idílico foi mercantilizado ao mesmo tempo em que construía um viés de repulsa e erotização dos corpos retratados. Esmiuçando as primeiras narrativas tecidas em cima de corpos indígenas, encontra-se a objetificação divisória, os indígenas são “os outros”, “os selvagens”, “os impuros”, “os sem-Deus” e a população europeia era “civilizada”, “educada”, “sacra”, “abençoada”. Destacamos ainda a hegemonia da religiosidade Cristã como lente para compreensão de outras religiões e espiritualidades. **Considerações finais:** As artes encomendadas para estampar as cartas descritivas evocavam nos leitores-espectadores-consumidores (que eram, em sua maioria, homens brancos europeus) sensações de temor, prazer e superioridade. Compreender a mídia enquanto ferramenta moldante do pensamento coletivo desde a antiguidade, nos mostra o poder bélico que um viés segregador e tendencioso de um conteúdo pode ter ainda nos dias atuais.

Palavras-chave

Mulher Indígena. Colonização. Imaginário.

Referências

ANCHIETA, Isabelle. **Imagens da Mulher no Ocidente Moderno 1:** Bruxas e Tupinambás Canibais. 2. ed. São Paulo: Edusp Livraria, 2021. v. 1, p. 99-107.

FONTES, Cristiane. **Narrativas Ancestrais, Presente do Futuro** – percepções sobre os povos indígenas no Brasil na última década 2011-2021. Amoreira Comunicação. 2022. Disponível em.: https://www.amoreira.info/narrativasancestrais/.